

O ENSINO DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NO NORDESTE BRASILEIRO

THE TEACHING OF ARCHITECTURAL PROJECTS IN CONTEMPORANEITY: A DIDACTIC EXPERIENCE IN NORTHEAST BRAZIL

AFONSO, ALCILIA

Doutora em projetos arquitetônicos, Professora Adjunta do Curso de Arquitetura e Urbanismo. CAU. UAEC. CTRN. UFCG
Email: kaciafonso@hotmail.com

RESUMO

O texto possui como objeto de discussão um olhar crítico a respeito do ensino de projeto de arquitetura em cursos de graduação e pós-graduação em cidades do nordeste brasileiro, tomando como referência alguns projetos arquitetônicos produzidos como trabalhos de conclusão de cursos em cidades como Teresina (Piauí) e Campina Grande (Paraíba) - nos quais possui experiência acadêmica. Como objetivo, pretende realizar uma reflexão a respeito das metodologias de ensino do processo projetual, relacionando este com a prática profissional, voltada à criação de espaços na contemporaneidade. Justifica-se pela necessidade em discutir questões pertinentes ao surgimento de novos programas que a sociedade pós-moderna demanda. Como metodologia para seu desenvolvimento, inicialmente, serão tratadas questões que discutem a necessidade de um embasamento teórico no ensino de projeto e na prática projetual, para em um segundo momento, observar as demandas programáticas da cidade contemporânea e analisar de que forma, a produção projetual acadêmica vem atendendo a tais pontos.

PALAVRAS-CHAVE: projeto arquitetônico; metodologia de ensino; arquitetura; cidade contemporânea.

ABSTRACT

The text has as object of discussion, a critical view regarding the teaching of architecture project in undergraduate and postgraduate courses in Brazilian Northeastern cities, taking as reference, architectural projects produced as works of conclusion of courses in cities like Teresina (Piauí) and Campina Grande (Paraíba) - in which I have academic experience. The objective plans to hold a reflection on the teaching methodologies of the design process, linking this with professional practice, aims to create spaces in contemporary times. Justified by the need to discuss issues related to the emergence of new programs that post modern society demands. The methodology for its development initially issues will be dealt discussing the need for a theoretical foundation in design education and design practice, for in a second time, observe the programmatic demands of the contemporary city and examine how the projetual production academic is in compliance with such points.

KEY-WORDS: architectural design; teaching methodology; architecture; contemporary city

1 INTRODUÇÃO

O artigo possui como objeto de discussão um olhar crítico a respeito do ensino de projeto de arquitetura em cursos de graduação e de pós-graduação no nordeste brasileiro, da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), nos quais possuo experiência acadêmica. O curso de especialização em Práticas Projetuais, realizado pelo Departamento de Construção Civil e Arquitetura (DCCA), do Centro de Tecnologia na UFPI, também proporcionou uma vivência com projetos arquitetônicos elaborados por arquitetos recém graduados, podendo aqui ser discutida, como exemplo para este artigo.

Como objetivo pretende-se realizar uma reflexão a respeito das metodologias de ensino do processo projetual, relacionando-o com a prática profissional voltada à criação de espaços na contemporaneidade. Justifica-se pela necessidade de discutir questões pertinentes ao surgimento de novos programas que a sociedade pós-moderna demanda, observando-se de que maneira essa realidade do mercado é tratada nas escolas de arquitetura. Como metodologia para seu desenvolvimento, inicialmente serão tratadas questões que discutem a necessidade de um embasamento teórico no ensino de projeto e na prática projetual para, em um segundo momento, observar as demandas programáticas da cidade contemporânea e analisar de que forma a produção projetual acadêmica vem atendendo a tais pontos.

2 A NECESSIDADE DE UM EMBASAMENTO TEÓRICO NO ENSINO DE PROJETO E NA PRÁTICA PROJETUAL

Muitos alunos questionam a relação que há entre teoria e prática arquitetônica. Qual seria, de fato, a necessidade de se realizar leituras, estudar sobre alguns temas que permeiam de forma direta ou indireta o projeto arquitetônico? O que vem a ser a teoria da arquitetura e de que forma se faz presente no projeto arquitetônico contemporâneo? Essas são algumas questões a serem aqui discutidas.

Stroeter (1986, p.19) indica que a “teoria da arquitetura vem a ser a reflexão sobre o ato de fazer arquitetura, com todas suas implicações e nos seus três tempos, passado, presente e futuro. É o pensar sobre o fazer”. Refletir sobre o porquê de propor determinadas soluções em planta, em volumetria, materiais, sistemas e soluções construtivas que estejam embasadas em uma teoria específica que dê o suporte para a criação proposta. Não apenas o criar por criar.

Vários autores têm mostrado que a existência de um embasamento teórico que dê suporte ao ensino e ao desenvolvimento de projetos na prática profissional, vem sendo a cada dia menos presente. Montaner (2007, p.149) em sua obra “Arquitetura e Crítica”, escreveu sobre uma crise de metodologias na contemporaneidade, questionando qual seria a relação existente entre o embasamento crítico/ teórico e uma obra em si.

Na base da formação do arquiteto na contemporaneidade pode-se observar que as escolas de arquitetura, na sua maioria, não estão preparadas para dar aos estudantes, de modo sistemático, orientações de projeto que não sejam as normas da boa construção e o atendimento adequado às exigências do programa.

Aos estudantes de arquitetura ensina-se principalmente como construir ou como planejar, o que não é pouco... a formação do arquiteto será incompleta e insuficiente sem a visão teórica das intenções que regem as decisões de projeto, em todas as suas fases, da concepção ao detalhamento... Uma das maiores dificuldades do ensino, do projeto e da crítica da arquitetura é provavelmente, a inexistência de algo que possa ser tomado, com certo consenso, como uma teoria, e que não se confunda com sua história (STROETER, 1986, p.18).

Dessa forma, uma teoria da arquitetura tem, portanto, “limites amplos e imprecisos, já que trata dos seus ideais, da estética, e da construção, bem costurados pelo fio da história e dificilmente separáveis” (Stroeter, 1986, p.19). O autor complementa afirmando que uma das maiores dificuldades do ensino, do projeto e da crítica da arquitetura é provavelmente, a inexistência de algo que possa ser tomado, com certo consenso, como uma teoria, e que não se confunda com sua história.

Mahfuz, em artigo escrito em 2002, ressalta que é preciso ter muito claro que entre teoria e prática não existe contraposição e, menos ainda, exclusão, mas plena complementaridade, e cita uma fala do professor catalão da ETSAB, Carlos Martí Arís:

Não pode haver teoria que não se alimente dos resultados da prática, nem existe prática que vá além da simples reprodução mecânica do existente que não se apóie em uma reflexão de caráter teórico (ARIS, 1998, p. 2, apud MAHFUZ, 2002, s/p).⁽¹⁾

Contudo, por outro viés, pode-se observar que na contemporaneidade está existindo certa confusão e descrédito de uma crítica que está conduzindo a teoria arquitetônica a uma mera prática profissional, ou seja, um deslocamento do peso das teorias mais importantes para textos gerados pelos próprios arquitetos que produzem suas obras. Montaner (2007, p.130) citou como contrapartida positiva deste processo, os textos dos arquitetos criadores atuais tais como Jean Nouvel, Rem Koolhaas, Toyo Ito, Bernard Tschumi: a teoria a partir da criação.

Muitas destas discussões estão presentes no livro organizado por Nesbitt (2013), "Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)", no qual foram reunidos textos contemporâneos, produzidos entre 1965 a 1995 por Tafuri, Argan, Colquhoun, Frampton, Rossi, Venturi, Tadao Ando, Tschumi, Koolhaas entre outros, constituindo-se no melhor balanço sobre o debate entre projetos arquitetônicos modernos e pós modernos.

Além da discussão sobre a necessidade de embasamentos teóricos como suporte no ensino de projetos e na prática projetual, também se faz necessário trabalhar com os conceitos de tipo, função, significado do espaço, tectônica, presentes constantemente ao longo da teoria da arquitetura, e que muitas vezes não estão sendo considerados nas disciplinas de projeto arquitetônico de nossos cursos de graduação, ou estão sendo mal interpretados, ao serem vistos como regras ou manuais projetuais. O professor e arquiteto catalão Helio Piñón explica que:

Teoria não pode reduzir-se a uma série de prescrições cuja aplicação minuciosa possa conduzir a projetos satisfatórios: na verdade, a teoria"- como é sabido- é uma tentativa de encontrar, por meio da reflexão, explicação para questões que resistem à aplicação do sentido comum (PIÑÓN, 2006, p. 12).

Os alunos desconhecem o significado e a importância de conhecer os conceitos que embasam a discussão arquitetônica e relacioná-los com suas práticas acadêmicas. Falha dos programas das disciplinas que são pré-requisitos para a cadeira de projetos arquitetônicos? Talvez. A necessidade de aprofundamento teórico que antecede a prática projetual é um fato presente no decorrer de nossos cursos de graduação, que tenho constatado em sala de aula ao longo de minha vida acadêmica como responsável por disciplinas de projetos arquitetônicos.

Ao debruçar-se sobre os conceitos-chaves da discussão que antecede o projeto, o conceito de tipo⁽²⁾ pode dar início aqui a esta reflexão. A abordagem tipológica da arquitetura foi disseminada no Século XX, especialmente a partir da década de 60, por Aldo Rossi e Giulio Carlo Argan. Nas décadas de 1970 a 1990 foi bastante explorada por Alan Colquhoun, Alfonso Corona Martínez, Carlos Martí Arís, Giafrancesco Caniggia, Rafael Moneo, Micha Bandini, Leandro Madrazo, e até hoje continua sendo objeto de estudos teóricos, pesquisas acadêmicas e novas edições de importantes publicações.

Observa-se que o conceito de tipo, por exemplo, vem sendo entendido na atualidade, como estudos de casos, que muitas vezes, confundem-se com exemplos a ser copiados e não, a servir como influências tipológicas. Pereira (1987), em sua tese doutoral intitulada "Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy" aprofundou a discussão existente entre imitação e tipo, adotando o tipo arquitetônico como o conceito que esclarece a distinção entre imitação e cópia e citou o teórico renascentista Quatremère de Quincy que afirmou que a palavra tipo apresenta menos a imagem de uma coisa a copiar ou imitar por completo, que a ideia de um elemento que devia ele mesmo servir de regra ao modelo.

Adotando a distinção entre tipo e modelo conforme Quatremère de Quincy, Argan (1965) enfatizou que apenas o tipo deveria ser o ponto de partida do projeto, e defendeu que "a tipologia deve ser encarada como processo criativo, e não como um mero sistema de classificação". Autores como Rossi (1995, p.27), afirmam que "o tipo é a própria ideia de arquitetura, aquilo que está mais próximo de sua essência". Mahfuz (1984, p.9) corrobora com a discussão, afirmando que "o conceito de tipo é que nos possibilita fazer uso de toda a história da arquitetura como fonte de pesquisa e inspiração, já que ao estudar essa história desde um ponto de vista tipológico, o que o arquiteto extrai dela são princípios, não formas literais. Projetar com o auxílio da história não leva necessariamente à criação de pastiches".

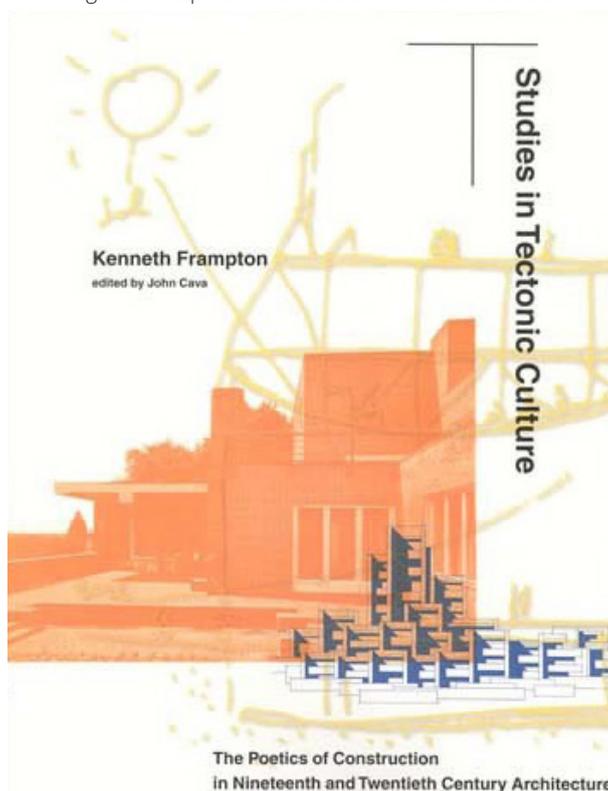
A discussão sobre forma e função também é sempre necessária no processo projetual, e observar ao longo da teoria da arquitetura as diversas discussões⁽³⁾ é salutar, pois se pode constatar o debate entre um conceito e outro e de que forma estes estão relacionados na contemporaneidade: de Viollet-le-Duc, passando por Le Corbusier, Gropius, com as teorias funcionalistas e da arquitetura da lógica, até a crítica realizada pelos pós-modernos, como Robert Venturi.

Outro conceito que poderia ser mais aprofundado na prática projetual diz respeito à tectônica, que apareceu na crítica da arquitetura do fim do período modernista, e vem se constituir em um dos principais temas do debate contemporâneo, ao lado da semiótica, da fenomenologia, do deconstrutivismo, do regionalismo crítico, designadamente, conforme colocou Nesbitt (2013).

Kenneth Frampton⁽⁴⁾ provocou uma renovação do debate sobre a tectônica (Figura 1), promovendo o conceito ao status de “potencial de expressão construtiva” da arquitetura, capaz de reunir aspectos materiais e construtivos aos aspectos culturais e estéticos.

O conceito vem sendo exaustivamente desenvolvido pelo autor (FRAMPTON, 1995), e procura relacionar a arquitetura com o saber fazer, mediante o entendimento das técnicas construtivas passadas de geração em geração pelos mestres de obras, empreiteiros e técnicos da construção, como algo importante e essencial para a cultura e identidade de um povo.

Figura 1 - Capa do livro Studies in Tectonic Culture



Fonte: Disponível em <https://www.amazon.com/Studies-Tectonic-Culture-Construction-Architecture/dp/0262561492>

A propriedade que tem o elemento constituinte da arquitetura de conter os aspectos operativos ou funcionais associados aos aspectos estéticos, foi retomada por autores como Frampton, Gregotti e Frascari, e diz respeito aos valores tectônicos, que não se limitam a revelar a verdade construtiva do edifício, mas a identificar os atributos estéticos provenientes dos recursos técnicos utilizados.

A forma como os materiais são tratados na arquitetura, a exposição de partes e arremates, a busca por uma honestidade construtiva, a utilização dos materiais, a evidência do processo construtivo, alinha-se com a reflexão desses arquitetos e teóricos. Frampton (1995) defende o cultivo consciente da tradição tectônica na arquitetura como um elemento essencial para o desenvolvimento futuro da forma arquitetônica, lançando uma nova luz crítica sobre toda a questão da modernidade e sobre o lugar.

Vittorio Gregotti, na obra "O Exercício do Detalhe" (1983), procurou demonstrar como a questão dos detalhes arquitetônicos pode evidenciar a relação da parte com o todo e ser um elemento crucial na experiência arquitetônica e propôs o estudo da tectônica, ou seja, a apreensão e o cuidado com os detalhes e articulações de materiais e junções, como capaz de prover um novo olhar sobre a arquitetura.

Atrelada a esta reflexão vem à tona a importância da relação projeto arquitetônico, tectônica e detalhe, que Frascari (1981), em sua obra "*The Tell-the-Tale Detail*", afirmou que "...o aspecto da *construction* (edificação) e o aspecto de *construing* (atribuição de significado) da arquitetura manifestam-se igualmente no detalhe" (Figura 2).

Figura 2 - Edifício da Secretaria de Cultura de Campina Grande



Fonte: Fotografia da autora, 2015

E finalmente, é sobre esta base conceitual que aporta o processo projetual. Piñón (2014) esclarece que projetar é construir, e que

La construcción es la condición de la arquitectura, y la tectonicidad, un valor inequívoco de sus productos: cualquier edificio banal mejora sustancialmente con sólo tener en cuenta los aspectos constructivos que se han previsto para su realización... no hay proyecto sin materia y, sobre todo, con la asunción de la evidencia de que proyectar es construir (PIÑÓN.2014).

Concluindo esta primeira parte desse artigo, reporta-se aqui ao mestre Lúcio Costa que, em texto de 1940, escrevia que a arquitetura deve ser vista como:

Construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa... Por outro lado, a arquitetura depende ainda, necessariamente, da época da sua ocorrência, do meio físico e social a qual pertence, da técnica decorrente dos materiais empregados e, finalmente, dos objetivos e dos recursos financeiros disponíveis para a realização da obra, ou seja, do programa proposto (COSTA, 1940, s/p).

O projeto arquitetônico como ferramenta da arquitetura, da construção de espaços, necessita do diálogo com os conceitos que sempre estiveram no entorno dessa produção, e não deve ser visto de forma distinta em intervenções na cidade contemporânea.

3 DEMANDAS PROGRAMÁTICAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA.

A relação entre arquitetura e cidade é fundamental no processo projetual, considerando que o lugar do projeto é, na maior parte dos casos, o espaço urbano, pois nele se concentra a maior parte da população e a demanda por novos serviços para atender a sociedade pós-moderna, também abrigando ricos acervos patrimoniais, que devem ser preservados e respeitados nas intervenções.

O urbanista francês François Ascher em seu livro “Novos princípios do urbanismo” (2010), escreveu sobre a sociedade pós-moderna na qual vivemos, apontando para a existência de novos programas urbanos para atender uma sociedade hipertexto, conectada em redes, que demanda por espaços mais voltados para as pessoas, e não somente para os automóveis; sustentáveis e compactos, como forma, de facilitar as infraestruturas urbanas para a melhoria e qualidade de vida dos cidadãos.

Este novo urbanismo emergente pós-moderno caracteriza-se por ser um urbanismo de dispositivos, por não tratar tanto de fazer planos, mas de programar mecanismos que os elaborem, os discutam, os negociem, os façam evoluir; um urbanismo reflexivo, pois a análise já não vem antes da regra e do projeto, mas está permanentemente presente. O conhecimento e a informação são mobilizados antes, durante e depois da ação. Reciprocamente, o projeto torna-se também plenamente um instrumento de conhecimento e de negociação; um urbanismo de precaução, que dá lugar às controvérsias e que se dota dos meios de ponderar as externalidades e as exigências do desenvolvimento sustentável; um urbanismo concorrente: a concepção e a realização dos projetos resultam da intervenção de uma multiplicidade de atores com lógicas diferentes, e da combinação das suas lógicas.

Mahfuz, em artigo escrito em 2013, comentou que, ao observar-se atentamente as cidades, especialmente as brasileiras, constata-se as deficiências da produção média atual, apontando que:

Essas deficiências se caracterizam pelo escasso entendimento da boa relação edifício/entorno, pelo excesso formal, pela predileção pela aparência à custa da substância da arquitetura, pela ineficiência energética e pela perversão do papel cultural da arquitetura, inúmeras vezes tornada meio de expressão individual e de impacto midiático (MAHFUZ, 2013, s/p).

Zanchetti (2012), por sua vez, advertiu para a necessidade do diálogo entre cidade, patrimônio cultural na contemporaneidade, interagindo planejamento urbano e territorial, e propôs uma discussão sobre o conceito de conservação integrada, como um caminho a ser seguido para a salvaguarda dos acervos patrimoniais urbanos:

Os princípios de Conservação Integrada passaram a ser utilizados para a leitura dos territórios urbanos e como suporte para a formulação de ações. Representou um retorno a concepções abrangentes do planejamento urbano, em escala territorial, e à relação território/cidade, tendo como elemento central de organização o ambiente, nas acepções de natural e construído (ZANCHETTI, 2012,p.21).

Na CI, conservação é entendida como uma forma especial do processo de transformação urbana que procura manter no tempo (intergerações) a integridade e a autenticidade do patrimônio cultural. Esta discussão sobre as cidades contemporâneas ao longo dos anos vem recebendo contribuições de encontros científicos e políticos, que resultam em documentos, tais como a “Carta de Aalborg+10 (2004)” e a “Carta de Leipzig sobre as Cidades Europeias Sustentáveis (2007)”, na qual foram elaboradas algumas recomendações, de modo a promover o progresso social, coesão territorial e o crescimento econômico nas cidades, propondo para tanto, a criação e preservação de espaços públicos de qualidade; a modernização das redes de infraestruturas e melhoria da eficiência energética e uma ação particular aos bairros carentes no contexto da cidade.

Tal realidade, vivenciada pelos alunos, tem provocado neles o desejo de contribuir de alguma maneira, mesmo que de forma acadêmica, na proposição de projetos que tornem estes espaços mais humanizados, com uma melhor qualidade de vida, que proporcione à população, áreas de convivência social, como uma forma de aproximação física num mundo com forte tendência ao virtual, ao cibernético.

4 A PRODUÇÃO ACADÊMICA PROJETUAL

Assim, estas novas concepções urbanísticas vêm demandando um novo olhar do arquiteto para esta cidade, que se pretende compacta, sustentável e voltada para as pessoas. Afonso (2015) apresentou algumas reflexões sobre o tema, que é retomado aqui, de maneira a aprofundar a discussão.

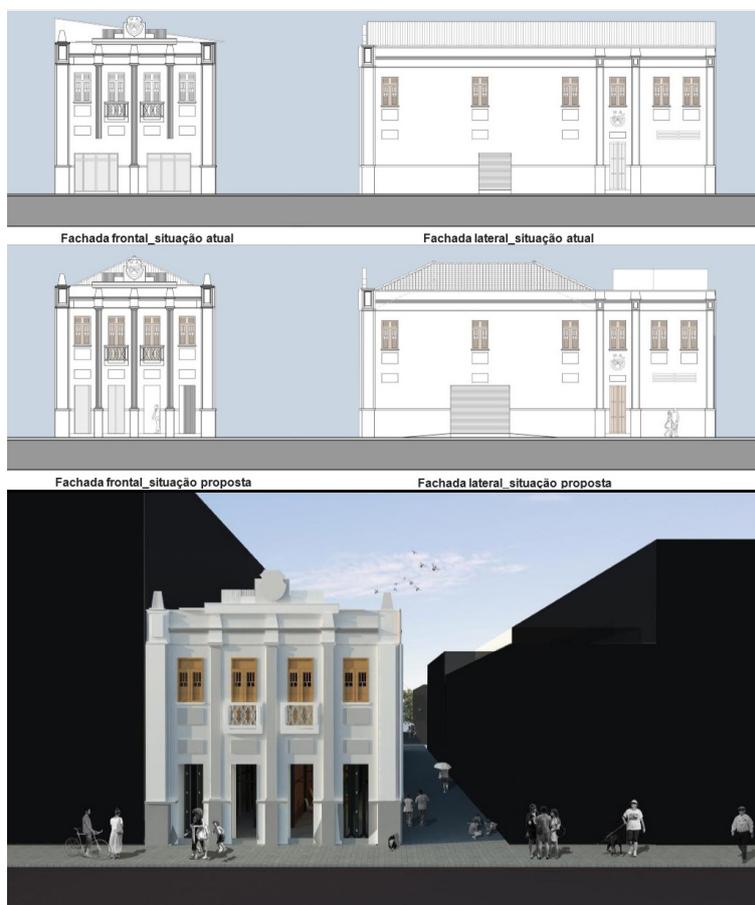
Após as colocações realizadas anteriormente, pode-se aqui questionar: 1) Estes novos programas urbanos têm sido atendidos em trabalhos acadêmicos que são a base da formação do arquiteto? ; 2) A discussão teórica que está embasando estas transformações da cidade contemporânea tem sido discutida de forma interdisciplinar em cadeiras acadêmicas de projeto arquitetônico nos cursos de graduação?; 3) Os trabalhos acadêmicos de conclusão de curso vem preparando o futuro profissional para este desafio de construção de uma “nova” cidade?

Tomando como estudo de casos, a produção realizada por estudantes da graduação e pós-graduação em arquitetura e urbanismo da UFPI e da UFCG, e trabalhando com dados coletados no levantamento de projetos de conclusão de cursos e suas relações com a futura prática profissional do arquiteto e urbanista, poder-se-á nesse momento discutir a respeito de tais questionamentos.

Para tanto, foi utilizada nesta análise a produção de vinte trabalhos orientados por mim, para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCS) em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); da especialização em práticas projetuais da UFPI (2015), no intervalo dos dois últimos anos (2015-2017), onde exerci atividades docentes na área de projetos arquitetônicos.

Observou-se que em nível de graduação, a maior parte dessa produção (70%) estava voltada para propostas de intervenção no patrimônio edificado (Figura 3), e o restante distribuído entre projetos na área de habitação de interesse social e propostas para centros esportivos e apoio turístico.

Figura 3 - Montagem de imagens de TCC orientado pela autora



Fonte: Ana Luiza Teixeira. TCC/CAU/UFCG, 2016

Observou-se ainda, que nos trabalhos de graduação, que nessas instituições estão divididos em duas fases (uma teórica e outra prática), os alunos acabam se dedicando mais a parte teórica, trazendo as revisões para a segunda etapa (a projetual), e dedicando pouco tempo para o desenvolvimento do projeto arquitetônico em si, sendo este muitas vezes elaborado em nível de anteprojeto.

De fato, despertou atenção o interesse dos alunos no que diz respeito à escolha do tema. Após ser visto que a cidade contemporânea está demandando por novos programas, existe uma conscientização discente em realizar tais proposições em espaços já construídos, e atualmente ociosos ou mal utilizados (Figura 4). Tal conscientização, sem dúvida, é fruto da formação acadêmica recebida em disciplinas da grade curricular que alertam para a necessidade de se desenvolver propostas mais viáveis, realistas e que procurem contribuir de forma consciente com a melhoria de vida do espaço urbano.

Figura 4 - Montagem de imagens de projeto de Eco Museu, dissertação orientada pela autora



Fonte: Pamela Franco. UFPI, 2016

Para o desenvolvimento dos projetos torna-se imprescindível um suporte teórico que embase tais propostas, a fim de estabelecer o diálogo entre teoria e prática projetual. Para tanto, a metodologia desenvolvida para a elaboração das propostas dedica 40% da carga horária ao estudo teórico na área e interação com disciplinas da teoria e história da arquitetura; dos estudos urbanos e de pesquisa. O projeto arquitetônico desenvolvido se apresenta dessa maneira, como uma resposta aos problemas inter-relacionados das demais áreas e como processo de pesquisa histórica, arquitetônica e urbanística.

O aporte teórico desses projetos arquitetônicos de intervenção no patrimônio edificado apoia-se em autores como Carbonara (1997), De Gracia (1992), Choay (2001), Kürl (2008), entre outros que defendem que projeto e criatividade fazem parte do restauro.

Restaurar não é voltar ao estado original, nem a um estágio anterior qualquer da história do monumento, nem refazer imitando estilos do passado, percepção oitocentista que infelizmente ainda marca a postura de muitos arquitetos sobre o assunto; o restauro não é mera operação técnica sobre a obra- deve ser um ato crítico antes de se tornar operacional (KÜRL, 2008, p.32).

Ao obterem acesso a tais leituras, os discentes entendem a importância do embasamento teórico para seus projetos, uma vez que

A teoria não é uma instrumentação abstrata e confusa, mas a dimensão absoluta mais ampla e genuína do concreto e do prático, sugerindo que as intervenções propostas no patrimônio edificado sejam realizadas de forma prudente, conscienciosa e respeitosa em relação ao passado, presente e futuro (KÜHL, 2008, p.35).

No nível de pós-graduação observou-se que os alunos que podiam escolher entre um trabalho prático ou teórico, optaram por um direcionamento para a linha teórica, com um enfoque voltado às discussões sobre a conservação do patrimônio moderno e o patrimônio industrial. Sobre o legado da industrialização existente em nossas cidades, esse é composto por conjuntos complexos formados por ferrovia, fábricas, armazéns, escritórios e que ocupam vastas áreas na cidade, envolvendo um conjunto complexo de problemas e estando localizados em zonas centrais, de modo que incide sobre eles considerável pressão da especulação imobiliária, conforme comenta Kühl (2008, p.22). Além disso, os interesses econômicos mercadológicos muitas vezes desconsideram o valor cultural de tais áreas, e destroem o acervo para dar lugar a centros comerciais ou a novos usos, que descaracterizam por completo o patrimônio cultural. Na contramão do mercado, os trabalhos acadêmicos apresentam soluções que demonstram a viabilidade de se intervir neste acervo de forma coerente e criativa. Tal constatação é bastante animadora, pois demonstra a preocupação dos alunos em contribuir com a preservação de um acervo que ainda é marginalizado na política preservacionista nacional, não sendo ainda devidamente inventariado e nem preservado.

É notório que o aluno procura o professor como orientador devido à identificação que existe entre os mesmos e as linhas de interesse do/a docente, mas, mesmo usando dessa prerrogativa, pode-se afirmar que existe uma tendência contemporânea em propostas de intervenção no patrimônio edificado, e reforçando, que isso se dá em um cenário nordestino, e em propostas desenvolvidas em universidades localizadas em cidades de porte médio. A causa dessa opção talvez possa ser justificada pelo vazio que existe no mercado regional de profissionais especializados na área, e pela inexistência de uma política pública atuante.

Refletindo sobre tal colocação, observa-se uma dicotomia, considerando-se todos os avanços tecnológicos da sociedade pós-moderna e os novos programas que estão sendo propostos pelos discentes para reutilizarem antigas edificações que formam parte dos acervos culturais de nossas cidades. A lástima, contudo, é constatar que esta demanda acadêmica, que cresce a cada dia, não é atendida pelos poderes públicos em nível federal, estadual ou municipal, que não priorizam em suas agendas a preservação cultural urbana. Preferem construir novos edifícios, novos espaços, que intervir em áreas que se encontrem marginalizadas, abandonadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando contestar às indagações iniciais, pode-se afirmar que os novos programas urbanos têm sido atendidos em trabalhos acadêmicos que são a base da formação do arquiteto. O esforço em procurar respostas práticas tem sido uma preocupação constante em salas de aulas e em orientações acadêmicas. Também, pode-se afirmar que a discussão teórica que está embasando estas transformações da cidade contemporânea tem sido debatida de forma interdisciplinar nos cursos de graduação, procurando-se o diálogo constante entre os distintos saberes da grade curricular.

Quanto à questão sobre os trabalhos acadêmicos de conclusão de curso prepararem o futuro profissional para este desafio de construção de uma "nova" cidade, acredita-se que sim. Contudo, observa-se que, por outro lado, as políticas públicas urbanas passam por uma crise de planejamento urbano, realizando "obras relâmpagos", que muitas vezes não estavam priorizadas em seus planejamentos estratégicos e nem mesmo presentes nos planos diretores dessas cidades.

A inexistência de proximidade entre gestão pública e academia é um problema. As discussões e (in)formações produzidas nas escolas de arquitetura e urbanismo muitas vezes não interagem com o poder público, e os projetos idealizados e bem embasados, são substituídos por modelos prontos oriundos da administração federal que são implantados de forma errônea, desconsiderando o lugar, sua identidade sócio cultural e econômica - como por exemplo, os protótipos de escolas, creches, hospitais, centros de cultura, que são construídos nas cidades nas quais trata-se o artigo, criando graves problemas desde as suas implantações até a sua ocupação e uso.

Acredita-se, porém, que tal cenário mude; que haja, em um futuro próximo, uma aproximação maior entre cidade e academia; que o espaço urbano se transforme em um laboratório projetual de experiências acadêmicas visando uma melhoria na qualidade de vida dos cidadãos, no qual todos sairão beneficiados; que se desenvolvam projetos arquitetônicos com embasamento teórico, com uma visão multi e interdisciplinar, de forma consciente, respeitando as experiências passadas, o conhecimento existente, o lugar, as pessoas.

6 REFERÊNCIAS

- ARGAN, Carlo Giulio. *Progetto e destino*. Milano: Il saggiatore, 1965.
- ASCHER, F. *Os princípios do urbanismo moderno*. São Paulo; Editora Romano Guerra, 2010.
- AFONSO, A. *O projeto arquitetônico contemporâneo: do ensino à prática. Reflexões de uma experiência didática*. In: 7 PROJETER 2015. Anais do Natal: Firenze, 2015, s/p.
- CARTA DE AALBORG+10. Disponível em http://www.dipucuenca.es/medio_ambiente/Agenda%2021%20Local/documentacion_pdf/7bis_Compromisos_de_Aalbor10.pdf. Acessado em 20/janeiro/2015.
- CARTA DE LEIPZIG SOBRE AS CIDADES EUROPEIAS SUSTENTÁVEIS. Disponível em http://politicadecidades.dgotdu.pt/docs_ref/Documents/Coopera%C3%A7%C3%A3o%20Internacional/Carta%20de%20Leipzig.pdf. Acessado em 20/janeiro/2015.
- CARBONARA, Giovanni, *Avvicinamento al restauro: teoria, storia, monumenti*. Napoli: Liguori, 1997.
- CASTRIOTA, L. B. *Patrimônio cultural. Conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Anablume, 2009.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- COSTA, Lúcio. *Considerações sobre arte contemporânea (1940)*. In: Lúcio Costa, *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. Disponível em <http://www.iabsp.org.br/oqueearquitetura.asp>
- DE GRACIA, F. *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación*. Madrid: NEREA, 1992.
- FRAMPTON, K. *Studies in tectonics culture*. Cambridge. Massachussets. The MIT Press.1995.
- FRASCARI, Marco. *The Tell-the-Tale Detail* (1981) In NESBITT, Kate. *Theorizing a new agenda for architecture: An anthology of architectural theory 1965-1995*. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996.
- GREGOTTI, Vittorio. *O Exercício do Detalhe*. (1983). In Nesbitt, Kate. *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory, 1965-1995*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1996, p.535-538.
- KÜHL, R. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização. Problemas teóricos do restauro*. Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2008.
- MAHFUZ, E. da C. *Nada provém do nada: A produção da arquitetura vista como transformação de conhecimento*. Revista Projeto, São Paulo, nº 69, p. 89-95, nov., 1984.
- MAHFUZ, E. O sentido da arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Arqtextos (São Paulo), v. 20, 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/02.020/811>. Acesso em 10/fev/2015.
- MAHFUZ, E. C. Banalidade ou correção: dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências. *Arqtextos* (São Paulo), v. 159, 2013, p. 25-35. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/14.159/4857>. Acesso em 10/fev/2015.
- MONTANER, J. M. *Arquitetura e Crítica AC*. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- NESBITT, K. (Org). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.
- PEREIRA, R. B. *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy*. São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 2008. Revista Arquitetura e Urbanismo AU, São Paulo, n. 10, fevereiro-março, 1987.

PIÑÓN, H. *Teoria do projeto*/ Helio Piñon; traduzido por Edson Mahfuz. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROWE, C. *Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos*. Editorial Gustavo Gili, 1999.

STROETER, J. R. *Arquitetura e teorias*. São Paulo: Nobel, 1986.

ZANCHETTI, Sílvia Mendes e LACERDA, Norma. *Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2012.

NOTAS

(1) ARÍS, Carlos Martí. *El arte y la ciencia: dos modos de hablar con el mundo*, texto não publicado apresentado em Roma, 1998, no congresso 'Il Progetto Architettonico'.

(2) Tipo, do grego *typos* (τυπος), significa "matriz, impressão, molde, figura em relevo ou em baixo-relevo" e distingue-se de modelo, do latim 'modellum', trasladado às artes através do italiano 'modello', que implica uma "cópia literal" e possui demasiadas conotações empíricas, físicas e miméticas.

(3) O texto escrito por Cláudio Amaral, em 2007, intitulado "Descartes e a caixa preta no ensino-aprendizagem da arquitetura", aprofunda as discussões sobre funcionalidade, partindo de Descartes à contemporaneidade, e pode ser acessado pelo portal Arqtextos. 090.07. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.090/194>.

(4) O conceito de tectônica conceito foi lançado Kenneth Frampton no artigo 'Rappel l'Ordre' (FRAMPTON, 1990), e posteriormente desenvolvido em seu livro 'Studies in Tectonic Culture' (FRAMPTON, 1995).

NOTA DO EDITOR (*) O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).